

E A
S R

escola
artística
de soares
dos reis

A *criatividade artística* é outra das formas de equacionar questões como as de *saber* o que gostaríamos, ou não, de *descobrir* e de *fazer* na imensidão do Universo de que fazemos parte. Um dos seus recursos é a imaginação. A *louca da casa*, assim a qualificou Nicolas Malebranche (1638-1715).

Foi decisiva no surgimento da *ficção científica*. O termo surgiu em 1929 na revista *Wonder Stories* pela mão de Hugo Gernsback (1884-1967), mas *Frankenstein* ou *o Moderno Prometeu* (1818), de Mary Shelley (1797-1851), mulher do poeta romântico inglês Percy Shelley, é considerada a primeira obra do género, ao abordar temas como a criação de vida através da ciência, e as consequências éticas da evolução tecnológica.

Jules Verne (1828-1905) anteviu máquinas voadoras, submarinos e viagens espaciais nos seus "*romances de antecipação científica*". H.G. Wells (1866-1946), criou a ficção científica moderna e destacou-se na divulgação do conceito, nomeadamente nas suas obras *A Máquina do Tempo*, *A Ilha do Doutor Moreau* (sobre manipulação genética), *O Homem Invisível*, e *A Guerra dos Mundos*.

Sem imaginação também não haveria *BD* nem, por exemplo, o surpreendente e enigmático álbum *Os Pássaros do Mestre* (1973), de Jean-Claude Mézières (1938-2022) e Pierre Christin (1938-2024), cujo desenho de capa aqui se reproduz. No cinema, a presença perturbadora das aves fora já tematizada por Alfred Hitchcock (1899 -1980) n' *Os Pássaros* (1963). Sem razão aparente, criaturas habitualmente inofensivas transformam-se em predadores ferozes. Uma abordagem artística do medo resultante do desconhecido e do inexplicável, e da fragilidade da civilização quando confrontada com a imprevisibilidade da natureza.

Em tom humorístico e satírico, *Os Pássaros do Mestre* é uma aventura na imensidão cósmica do espaço-tempo protagonizada por *Valérian*, anti-herói banal que tira partido das suas experiências, e pela sua companheira *Laureline*, cuja inteligência superior, determinação e independência fazem dela a líder decisiva. O filme *Valerian e a Cidade dos Mil Planetas* (2017), de Luc Besson, é uma adaptação de um álbum dos autores mencionados, *O Império dos mil planetas* (out./1969-mar./1970). Também n' *Os Pássaros do Mestre* Valerian e Laureline são estranhos num planeta desconhecido. Encontram um cemitério de naves espaciais desaparecidas pertencentes a viajantes ali retidos, como eles, e descobrem que os sobreviventes foram escravizados por uma entidade misteriosa e invisível, – o *Mestre* –, cujo poder assenta no temor que inspira o seu bando de pássaros, instrumentos de um poder totalitário que deles se serve para reprimir e castigar quem desobedece.

Ao acederem às zonas proibidas do planeta descobrem que o *Mestre*, o *Senhor*, é um ser galáctico parasitário não antropomórfico, uma massa orgânica disforme e repulsiva que absorve e guarda em si as memórias dos erros, loucuras, crimes e violências cometidos por todas as civilizações da galáxia, e que vive da energia psíquica e do esforço dos escravos que trabalham para alimentar essa entidade misteriosa e invisível. Quando os seus pássaros atacam, não causam apenas dor física: ao transferirem para as vítimas o peso dessas memórias negativas, induzem nelas um estado de alucinação ou de submissão que as mantém num estado de apatia e culpa e as priva da consciência e



XXIII CONCURSO BDArte

da vontade, colocando-as na dependência da autoridade e do poder absolutos do omnipresente *Mestre*. Os que enlouquecem tornam-se inúteis para a sua engrenagem de trabalho forçado e são expulsos, passando a viver marginalmente e em condições inóspitas e miseráveis. A determinação de Laureline e a ajuda de alguns dos menos conformados conduz a uma revolta que desmascara a verdadeira natureza do *Mestre* e liberta o planeta do terror imposto pelos pássaros. Uma obra *mais do que atual* sobre a tirania e as circunstâncias em que as pessoas se deixam dominar por sistemas opressores, e a imprescindibilidade de assegurar o que é fundamental para impedir o surgimento de regimes totalitários: *a liberdade de pensamento e de ação construtiva*.

Valérian e Laureline dão continuidade a um sentido de justiça que sempre existiu nos universos ficcionais. Desde os mais humanistas, como *Metropolis* (1927), de Fritz Lang (1890-1976), obra fundadora da ficção científica no cinema – sobre a luta de classes e a desumanização tecnológica numa metrópole futurista – aos mais assumidamente ideológicos, como *Aelita: A rainha de Marte* (1924), o filme mudo de Aleksey Tolstoy (1883-1945) em que trabalhadores marcianos oprimidos são incitados à revolta, numa lógica obviamente inspirada na revolução comunista russa. Aelita, líder da revolta, acaba por traí-los para assumir o poder totalitário, desencadeando um desfecho dramático. Um filme premonitório, se tivermos presente o que a História nos diz.

Voltemos à obra *A Guerra dos Mundos* (1898), a mais famosa de H.G. Wells porque foi radiofonicamente adaptada por Orson Welles (1915 -1985) na noite de *Halloween* de 1938 e suscitou o pânico. Apesar de ter sido emitido um aviso antes da transmissão, estima-se que mais de um milhão de pessoas acreditaram estar a ser noticiada uma invasão alienígena. O que comprova o poder dos meios de comunicação de massa e a sua capacidade para moldar a nossa perceção da realidade. Que pode ser mais profunda, rigorosa e fundamentada por intermédio do pensamento crítico e da imaginação criadora, razões de ser do Concurso *BDArte* e em especial desta sua XXIII edição. Concorrer é, também, uma forma começar a construir um *curriculum vitae*.

Guerreiro Vaz